

## O DETETIVE

Conto de **Glauco Rodrigues Corrêa**

Carlinhos ocultou-se atrás de um automóvel. No outro lado da rua, a porta ainda aberta da barbearia deixava ver o patrão contando a fêria e os empregados guardando as navalhas e tesouras. O menino prestava atenção à figura magra e meio corcunda que trocava o guarda-pó branco pelo casaco. Estava tenso, as mãos fechadas sob a capa de lã curta. Lembrava as recomendações da mãe. Quando o barbeiro corcunda saiu, esgueirou-se rápido por entre os carros, atravessando a rua. Seguiu o barbeiro à distância, sem perdê-lo de vista.

A mãe mandara-o espionar o pai, o que é que ele fazia na rua até chegar em casa.

Na altura do mercado o pai parou. Carlinhos encostou-se a um portal. Instintivamente levou a mão direita à cintura. Viu quando o pai entrou no boteco, mas não saiu do lugar. Esperou, às narinas trêmulas.

O pai saiu e parou na esquina, conversava com uma mulher. Os rins do menino contraíram-se, perturbou-se um pouco. Resistiu, não perdeu os movimentos da mulher, que oferecia um cigarro ao barbeiro. O pai fumava?

A mãe tinha horror a cigarros, nem cinzeiro havia em casa.

O pai tocou o braço da mulher e se afastou. Carlinhos cruzou por ela, sem coragem para encará-la.

O barbeiro caminhava em direção ao porto. O menino retardou o passo, cosendo-se à parede, como medo de que ele olhasse para trás. E com medo também dos homens que andavam devagar ou estavam parados ao longo da calçada. Pareciam gangsters.

Por um momento não viu o pai. Teria entrado em alguma porta? Atravessou a rua e continuou lentamente, olhando fixo para os bares abertos no outro lado. Estaria o pai entre aqueles homens, em pé, ao balcão?

Foi e voltou pela calçada, atento aos movimentos do lado oposto. Alguém saiu de um bar. E o pai? Tinha de verificar, ter certeza. Atravessou novamente a rua, no final da quadra, e veio devagar, parando antes de cruzar os retângulos luminosos. Não distinguia os rostos no interior dos bares. E o pai?

Começou a tremer. Os pés descalços estavam gelados. Os olhos arderam. Não podia chorar. E o pai, meu Deus, onde teria se metido?

Um homem aproximava-se, olhando para ele. Teve vontade de correr. Apressou o passo em direção ao centro, sem olhar para trás. Os olhos arderam mais, não pôde conter as primeiras lágrimas. Logo vieram os soluços.

Chorava convulsamente quando a mãe abriu-lhe a porta.